

OPINIÃO

Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

03-09-2024

FABULINHAS DO HOMEM

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

[Grupo Multiplicadores de Visat Saúde-Trabalho-Direito]

Em setembro de 1980, exatos 44 anos, eu estava em pleno exercício da Pediatria. Alguns anos antes (1974) eu havia feito o curso de Medicina do Trabalho que, logo descobri, era igual à campanha engana-trouxa do Marçal em São Paulo 50 anos depois. Foi um dos primeiros cursos do Brasil e o 1º no Rio de Janeiro. Serviu-me a coisa nenhuma em matéria do que conheci em 1985/1986: o campo da saúde do trabalhador. Dei sorte. Cheguei num ano de peripécias do destino para qualquer ser-humano com inquietudes, indignações e esperanças num Brasil melhor. 1985 foi o ano da virada do Brasil para a Democracia. Ainda não era a Democracia social e justa que queríamos, mas era o fim da ditadura escroque que nos afligia desde 1964. Havíamos perdido a *Campanha pelas Diretas Já & Por Uma Assembleia Constituinte Livre e Soberana*. No mesmo 1985, eu era médico do INAMPS (40 horas) e consegui uma licença integral com vencimentos para fazer o Curso de Saúde Pública na Escola Nacional de Saúde Pública (Fiocruz). Na época, o curso era realizado em horário integral, diário, com duração de 9 meses. (Não devo comentar a carga horária atual) Minha vida mudou. Eu que já “namorava” fazer esse curso há anos por algumas motivações na pediatria e na puericultura, onde as questões sociais são determinantes e a medicina auxilia mas não resolve e às vezes (muitas) atrapalha, sentia ares bafejantes por mudanças. Sentia que o meu destino estava traçado para o rumo da **saúde pública** ao trabalhar com organização de mães lactantes, formação de clubes e grupos de discussão de mães, confecção de jornais de incentivo à amamentação e cursos de formação em saúde para crianças das escolas do entorno onde eu trabalhava (zona rural do Rio de Janeiro / Campo Grande). Ao final do curso, minha cabeça duvidosa para onde eu ia só sabia que eu estava indo para algum (outro) lugar sem saber p’ra onde. Nisso chegou-me o hoje amigo-irmão Jorge Machado que, perguntando se eu era médico do trabalho, disse que estavam precisando de um na Direção Geral do Inamps. Pois fui e caí nos braços da saúde do trabalhador onde fui acolhido e me apaixonei. Vejam que a Medicina do Trabalho acabou servindo p’ra alguma coisa. Mas não se assustem pois esse texto não é uma autobiografia, é p’ra chegar nas Fabulinhas do Homem, já-já. Só fechando, o ano de 1986 foi definitivo para a minha entrada na saúde do trabalhador e o início de minha retirada gradual da Pediatria (que eu tanto amava - e amo -, mas foi trocada por outro amor). Foi o ano de meu curso de especialização em saúde do trabalhador - o primeiro do Brasil - no CESTEH/Fiocruz e o ano da 1ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador, em que participei ativamente. Parei com a ladainha. Volto ao setembro de 1980. Eu que sempre tive taras frenéticas por papel e caneta e colecionava montanhas de letras e palavras, fazia incursões pela literatura infantil, inclusive trovas e poematos nos receituários de minha puericultura com minhas crianças. Nasceram então as Fabulinhas do Homem. Eu pretendia dialogar com as crianças *de 8 a 14 anos, extensivos a quem interessar possa e de qualquer idade*, como estava no prefácio de um caderno *Silhueta* azul comprado na Casa Cruz (veja o link). Hoje, a literatura infantil é a que mais cresce no Brasil, inclusive nas feiras literárias. E muito da literatura infantil tem a marca da brasilidade indígena e negra, do folclore e da cultura popular, e tem buscado acompanhar as pautas identitárias em defesa dos direitos das minorias, vulneráveis e discriminados de toda ordem. Direitos Humanos, pois. É um sinal positivo dos que se colocam na contra-ofensiva ao fascismo e à lavagem cerebral política, religiosa, moral, social e mentirosa, hoje hegemônica nas redes sociais e outras mídias. Pois bem, as Fabulinhas do Homem, naquele longínquo setembro, tentavam trazer, por meio de metáforas, recadinhos éticos das relações humanas e dos comportamentos observados todo o tempo em nossos cotidianos. Após 24 fabulinhas, elas me abandonaram em plena primavera. E eu entrei no verão deixando-as esquecidas *num canto qualquer*, como na linda música de Toquinho e Mutinho (*ouça*). Hoje, sempre motivado a balançar na rede da Coluna Opinião, sentindo a brisa das palavras sopradas por nossas e nossos camaradas nessas viagens diárias de beleza, sensibilidade, leveza, ternura e tudo o mais que nos enleva, resolvi remexer meus guardados, como diria Angela Barbosa, e vou apresentá-las a vocês. Ao que me lembre, nunca as mostrei para ninguém, talvez para o Paulo Fatal, o poeta-mor do Grupo Verso Vício. Nem as crianças, minhas cobaías as viram. Falha minha. Imperdoável. Aos que têm crianças por perto, tentem-nas. Vou trazê-las pouco a pouco e, quem sabe, enquanto setembro esticar a primavera eu me inspire para trazer outras fabulinhas 44 anos mais velhas. A ver...

Segue a lista das Fabulinhas do Homem (parte de minha breve literatura que chamei de Histórias Quase Infantis nos tempos idos). ■ ■ ■

FABULINHAS do HOMEM

01 – O Avaro
02 – O Narciso
03 – O Guloso
04 – O Teimoso
05 – O Mentiroso
06 – O Ambicioso
07 – O Indiscreto
08 – O Preguiçoso

09 – O Antipático
10 – O Garganta
11 – O Interesseiro
12 – O Indeciso
13 – O Impiedoso
14 – O Desastrado
15 – O Apressado
16 – O Indiferente

17 – O Invejoso
18 – O Debochado
19 – O Insatisfeito
20 – O Indignado
21 – O Medroso
22 – O Cínico
23 – O Distraído
24 – O Incoerente

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.